

## TRADUÇÃO DOS PREFÁCIOS DE *GERMINIE LACERTEUX*, DOS IRMÃOS GONCOURT

Zadig GAMA\*

- **RESUMO:** O romance *Germinie Lacerteux*, escrito pelos irmãos Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt, é atualmente considerado pela crítica como uma das obras precursoras do naturalismo na França e seu prefácio como um manifesto desse movimento. À época de seu lançamento, em 1865, a interpretação do prefácio do romance feita por parte da crítica é a de que o texto anteposto ao romance constituiria um passo adiante no realismo. Anos mais tarde, em 1886, em uma reedição de *Germinie Lacerteux*, Edmond de Goncourt acrescenta um segundo prefácio à obra, em uma tentativa de endossar o caráter precursor do romance nos valores e temas naturalistas, como a escrita pautada na observação da realidade e na documentação de fatos. O presente texto propõe a tradução dos dois prefácios de *Germinie Lacerteux*, acrescida de comentários, notas explicativas e indicações bibliográficas.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Irmãos Goncourt. *Germinie Lacerteux*. Prefácio. Tradução. Naturalismo.

Em 1865, os irmãos Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt publicam o quinto romance de suas carreiras, *Germinie Lacerteux*. O romance é lido pela crítica como uma obra que dá um passo adiante no realismo e seu prefácio como um manifesto desta estética. Nas últimas décadas do século XIX, esse romance passa a figurar em meio às obras precursoras de valores naturalistas em literatura e seus autores passam a ser considerados mestres da literatura realista, precursores e figuras de proa do naturalismo, ao lado de Émile Zola e de Alphonse Daudet. Em 1886, em uma reedição do romance, Edmond acrescenta um segundo prefácio, composto por passagens do diário íntimo que escreveu junto com seu irmão, o *Journal des Goncourt*. O segundo prefácio, ao dar conta de um método de escrita baseado na observação, que vinha sendo empreendido desde o início

---

\* Professor Substituto. UFF – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas. Niterói – RJ – Brasil. 24210-200; e UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras – Departamento de Letras Neolatinas. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20559-900. zadiggama@live.com.

da década de 1860, integra *Germinie Lacerteux* a um projeto literário que visava associar essa obra a um naturalismo *avant la lettre* (GAMA, 2022).

Estudos recentes sobre a história do naturalismo na França fazem uma leitura de *Germinie Lacerteux* e do prefácio da primeira edição como textos inaugurais do naturalismo em literatura. Para David Baguley (1995, p. 51), *Germinie Lacerteux*, ao lado de *Thérèse Raquin*, de Emile Zola, e de *L'Éducation sentimentale* (1869), de Gustave Flaubert, formam uma *troika* de textos fundadores do naturalismo. Colette Becker (1998, p. 67-69), referindo-se à crítica elogiosa publicada no jornal *Le Salut Public* de Lyon do dia 24 de fevereiro de 1865, observa que, a partir daquele ano, o então estreado nas letras Émile Zola sairá em campanha na imprensa em favor de um novo romance adaptado à época contemporânea, tendo como base a *Introduction à la médecine expérimentale* (1865), de Claude Bernard, assim como *Germinie Lacerteux* e seu prefácio. Quanto ao segundo prefácio – pouco explorado pelos estudos críticos –, pode-se afirmar que ele foi o artifício que Edmond de Goncourt encontrou para apresentar a gênese do romance e endossar seu caráter precursor nos valores e temas naturalistas, como o método de escrita pautado na observação da realidade e na documentação de fatos (REVERZY, 2014).

No Brasil, a circulação de *Germinie Lacerteux* foi bastante moderada, restringindo-se à importação de edições francesas e à tradução de parte do capítulo 37 e de todo o capítulo 38 do romance, na edição do dia 18 de setembro de 1887 do jornal maranhense *Pacotilha*. A leitura realizada pela crítica na imprensa considera *Germinie Lacerteux* em pareceres sobre o movimento naturalista ou comparações de romances brasileiros com esta obra. Seu prefácio, por outro lado, foi alvo da estima da crítica brasileira, lido como um elemento introdutor de novas perspectivas para a escrita literária em prosa, pela escolha de temas ou pelo método de escrita. Sob esse ângulo, o prefácio da primeira edição de *Germinie Lacerteux* é citado por Marques de Carvalho, no prefácio do romance *O pajé* (1887), e por Valentim Magalhães, no prefácio do romance *Flor de sangue* (1897), desempenhando um papel de fiador para suas respectivas obras (GAMA, 2023).

É possível encontrar o prefácio da primeira edição de *Germinie Lacerteux* em língua portuguesa no capítulo 19 de *Mimesis*, de Erich Auerbach, referente ao romance dos irmãos Goncourt, em tradução feita em 1946. Ainda que em 2021 tenha sido lançada uma reedição revista dessa obra, a tradução do prefácio permanece a mesma. Nesse sentido, proponho uma nova tradução, amadurecida e atualizada, do prefácio de 1865, isto é, uma retradução (BERMAN, 2013) do primeiro prefácio do romance, investida da função de reabrir o acesso a esse texto. Em seguida, uma tradução do prefácio de 1886, texto ainda inédito em língua portuguesa. Trata-se de traduções comentadas, guarnecidas de notas explicativas e indicações bibliográficas. Para a tradução do primeiro prefácio, a edição de referência utilizada foi aquela da editora Charpentier, publicada em 1865; e para a tradução do segundo prefácio, a edição da editora Quentin, de 1886.

## Prefácio da primeira edição

Precisamos pedir perdão ao público por lhe oferecer este livro, e adverti-lo do que nele encontrará.

O público gosta de romances falsos: este romance é um romance verdadeiro.

Ele estima livros que fingem frequentar a sociedade: este livro vem da rua.

Ele aprecia as pequenas obras licenciosas, as memórias de prostitutas<sup>1</sup>, confissões de alcovas, sujeiras eróticas, o escândalo que se arregaja em uma imagem nas vitrines das livrarias: o que ele vai ler é severo e puro. Que ele não espere a fotografia decotada do Prazer: o estudo que segue é a clínica do Amor.

O público gosta também das leituras anódinas e consoladoras, das aventuras com um final feliz, das imaginações que não perturbam nem sua digestão nem sua serenidade: este livro, com sua triste e violenta distração, é feito para contrariar seus hábitos e ser nocivo à sua higiene.

Por que então o escrevemos? Simplesmente para chocar o público e escandalizar seus gostos?

Não.

Vivendo no século XIX, em um tempo de sufrágio universal, de democracia, de liberalismo, nós nos perguntamos se o que chamam de “classes baixas” não teria direito ao Romance; se esse mundo debaixo de um mundo, o povo, deveria continuar subjugado ao interdito literário e aos desdêns dos autores que até então nada disseram sobre a alma e o coração que ele talvez tenha. Nós nos perguntamos se ainda haveria, para o escritor e para o leitor, nesses anos de igualdade em que estamos, classes indignas, infelicidades demasiadamente baixas, dramas desbocados demais, catástrofes de um terror pouquíssimo nobre. Veio-nos a curiosidade de saber se essa forma convencional de uma literatura esquecida e de uma sociedade desaparecida, a Tragédia, estava definitivamente morta; em um país sem casta e sem aristocracia legal, se as misérias dos pequenos e dos pobres despertariam o interesse, a emoção, a piedade, tanto quanto as misérias dos grandes e dos ricos; se, em uma palavra, as lágrimas que se derramam embaixo poderiam fazer chorar como aquelas que são derramadas em cima.

Esses pensamentos, em 1861, nos levaram a ousar no humilde romance *Sœur Philomène*<sup>2</sup>; hoje, eles nos levam a publicar *Germinie Lacerteux*.

---

<sup>1</sup> No original *filles*: indivíduo jovem do sexo feminino ou, em emprego raro do termo, prostituta (forma reduzida de *filles de joie*). No prefácio de *Germinie Lacerteux*, o termo presta-se à ambiguidade.

<sup>2</sup> Romance publicado em julho de 1861 pela editora Librairie Nouvelle. Os 53 capítulos do romance narram a vida de Philomène, nome religioso de Marie Gaucher. Ambientada no Hôtel Dieu de Paris, a trama do romance gira em torno da relação da protagonista com o estudante de medicina Barnier. A convivência entre os personagens fica abalada quando Romaine, ex-namorada do médico interno, é operada por ele e morre. Barnier, tomado pelo luto e pela ira de saber que havia a suspeita de que ele e Philomène tinham um caso, entrega-se à bebida e, um dia, infecta-se propositalmente com um bisturi

Agora, que este livro seja caluniado: pouco lhe importa. Hoje que o romance se alarga e aumenta, que começa a ser a grande forma séria, apaixonada, viva, do estudo literário e da investigação social, que se torna, pela análise e pela pesquisa psicológica, a História moral contemporânea, hoje que o Romance se impôs os estudos e os deveres da ciência, ele pode reivindicar suas liberdades e franquezas. E que ele procure a Arte e a Verdade; que ele mostre misérias que não devem ser esquecidas pelo feliz povo de Paris; que ele mostre às pessoas da alta sociedade o que as damas de caridade têm a coragem de ver, o que outrora as rainhas faziam seus filhos verem nos asilos: o sofrimento humano, presente e muito vivo, que ensina a caridade; que o romance tenha essa religião que o século passado chamava com um amplo e vasto nome: Humanidade; – basta-lhe essa consciência: é esse seu direito.

Paris, outubro de 1864.

### **Segundo prefácio (preparado para uma publicação póstuma de *Germinie Lacerteux*)**

22 de julho de 1862 – A doença destrói, pouco a pouco, nossa pobre Rose<sup>3</sup>. É como uma morte lenta e progressiva das manifestações quase imateriais que emanavam de seu corpo. Sua fisionomia está completamente mudada. Ela não tem mais os mesmos olhares, ela não tem mais os mesmos gestos; e ela me aparece como que se desfazendo, a cada dia, dessa coisa humanamente indefinível que compõe a personalidade de um ser vivo. A doença, antes de matar a pessoa, traz para seu corpo algo de desconhecido, de estrangeiro, um *não ser mais ele*, transformando-o em uma espécie de novo ser, no qual é preciso procurar o antigo... aquele cuja silhueta viva e afetuosa cessou de existir.

31 de julho – O doutor Simon vai me dizer, daqui a pouco, se nossa velha Rose vai viver ou morrer. Espero ele tocar a campainha, que para mim é como o toque que anuncia a volta dos jurados de um tribunal para a leitura da sentença... “Acabou, não há mais esperança, é uma questão de tempo. A doença avançou muito rápido. Um pulmão está perdido e o outro não está muito longe disso...” E é preciso ir ver a doente, com um sorriso, verter-lhe alguma serenidade, esforçar-nos para que ela acredite em sua convalescença... Em seguida, vem-nos a ânsia de fugir

---

contaminado com a intenção de pôr fim ao seu sofrimento. No Brasil, circularam duas traduções do romance. *Irmã Philomena*, de Luiz Gastão d’Escragnolle Dória, na seção folhetim do *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro) entre 16 de setembro e 18 de novembro de 1891; e *Soror Philomena*, de Luiz Cardoso para a Coleção Econômica, parceria entre a editora Antônio Maria Pereira (Lisboa) e a editora Laemmert & Cie. (Rio de Janeiro), quinto título da coleção em 1895 (GAMA, 2020).

<sup>3</sup> Rosalie Malingre, empregada da família dos irmãos Goncourt desde 1837, morta em 1862.

de casa e dessa pobre mulher. Saímos, caminhamos a esmo pelas ruas de Paris...; finalmente, cansados, sentamo-nos à mesa de um café. Pegamos como autômatos um número da revista *L'Illustration*, e vemos diante de nossos olhos a mensagem do último ideograma: *Contra a morte, não há recurso*<sup>4</sup>.

Segunda-feira, 11 de agosto – À peritonite junta-se a doença do peito. Ela tem dores terríveis na barriga, não consegue se mover, não aguenta permanecer deitada de costas ou sobre o lado esquerdo. A morte, então, não é o bastante! ainda é preciso sofrer, ser torturada, como o supremo e implacável fim dos órgãos humanos... E a pobre infeliz padece! em um desses quartinhos de empregada, onde o sol, batendo em uma caixa de rapé, deixa abrasado o ar, como em uma estufa, e onde há tão pouco espaço que o médico é obrigado a pousar o chapéu sobre a cama. Nós lutamos até o fim para conservá-la, mas no fim foi preciso conformar-se a deixá-la partir. Ela não quis ir para a Casa de Saúde Dubois<sup>5</sup>, onde propúnhamos interná-la: lugar que ela já havia conhecido há uns vinte anos, quando havia começado a trabalhar em nossa casa e fora visitar a babá de Edmond que lá morreu; então essa casa de saúde para ela representa a casa onde se morre. Espero Simon, que deve lhe trazer seu bilhete de entrada no Hospital Lariboisière<sup>6</sup>. Ela passou quase uma boa noite. Está pronta, até alegre. Fizemos o possível para lhe esconder tudo. Ela deseja partir. Tem pressa. Pensa que lá vai ficar curada. Às duas horas, chega Simon: “Aí está. Pronto...”. Ela não quer partir de maca: “Iria parecer que estou morta”, disse. Vestimo-la. Assim que levanta da cama, tudo o que ainda havia de vida em seu rosto desaparece. É como se terra lhe subisse à tez. Ela desce para o apartamento. Sentada na sala de jantar, com a mão trêmula e os dedos batendo, ela coloca as meias cobrindo as pernas que parecem cabos de vassoura, pernas de tísica. Depois, por um longo tempo, olha para as coisas com os olhos de moribundo, que parecem querer levar a lembrança dos lugares que deixam, e a porta do apartamento, ao se fechar depois que ela passa, produz um barulho de adeus. Ela chega ao pé da escada e descansa um instante, sentada em uma cadeira. O porteiro, gracejando, promete-lhe a saúde de volta em seis semanas. Ela inclina a cabeça dizendo um sim, um sim sufocado... O fiacre anda. Ela se segura com a mão na porta. Eu a firmo contra o travesseiro atrás de suas costas. Com os olhos abertos e vazios, ela olha vagamente as casas que passam, ela não fala mais... Na chegada ao hospital, ela quer descer sem

<sup>4</sup> Ver: *L'Illustration, journal universel*, Paris, ano 20, vol. 40, n. 1013, 26. jul. 1862, p. 63.

<sup>5</sup> A Maison royale de Santé, também chamada de Maison Dubois, em referência ao barão Antoine Dubois (1756-1837), cirurgião de Napoleão I, foi, ao longo do século XIX, um hospital privado que serviu à burguesia parisiense. Localizado no número 200 da rua du Faubourg Saint-Denis, no décimo distrito de Paris, este estabelecimento, desde 1959, tem por nome Hospital Fernand-Widal.

<sup>6</sup> Construído pelo espólio da condessa Marie-Élisa de Lariboisière (1794-1851), o Hôpital Lariboisière foi planejado para servir, desde sua inauguração em 1854, aos habitantes da parte Norte de Paris. Localizado no número 2 da rua Ambroise Paré, no décimo distrito de Paris, teve, durante a década de 1860, uma alta taxa de mortalidade (GUÉRARD, 1888).

que a carreguem: “A senhora consegue ir até lá?”, diz o recepcionista. Ela faz um sinal afirmativo e anda. Realmente não sei de onde ela tirou as últimas forças para ir adiante. Enfim, cá estamos na grande sala, alta, fria, rígida e clara, no centro da qual uma maca prontinha a espera. Ajudo-a a sentar em uma poltrona de palha perto de um guichê envidraçado. Um rapaz abre o guichê, pergunta-me o nome, a idade..., cobrindo de coisas escritas, durante quinze minutos, uma dezena de folhas de papel que têm no cabeçalho uma imagem religiosa. Enfim, acabou. Eu a beijo... Um outro rapaz a pega por um braço, a faxineira pelo outro. A partir daí não vi mais nada.

Quinta-feira, 14 de agosto – Vamos ao Hospital Lariboisière. Encontramos Rose, tranquila, esperançosa, falando de sua saída próxima – em três semanas no máximo –, e tão desprendida do pensamento da morte, que ela nos conta uma furiosa cena de amor que ocorreu ontem entre uma mulher que ocupa o leito ao lado do seu e um frade lassalista, que ainda hoje está lá. Essa pobre Rose é a morte, mas morte bem ocupada com a vida. Ao lado de seu leito encontra-se uma jovem a quem o marido veio ver, um operário, a quem ela diz: “Vá, assim que conseguir andar, passarei tanto no jardim que eles serão forçados a me mandar ir embora!” E a mãe acrescenta: “E meu filho, ele pergunta por mim de vez em quando?”.

– É, de vez em quando, responde o operário.

Sábado, 16 de agosto – Esta manhã, às dez horas, tocam a campainha. Ouço uma conversa à porta, entre a faxineira e o porteiro. A porta se abre. O porteiro entra, com uma carta na mão. Pego a carta; ela tem o selo do Hospital Lariboisière. Rose morreu esta manhã, às sete horas.

Pobre mulher! Então acabou! Eu tinha certeza de que ela estava condenada; mas tê-la visto na quinta-feira ainda tão viva, quase feliz, alegre... E cá estamos, os dois andando pela sala com o pensamento originado pela morte das pessoas: Não a veremos mais! – um pensamento maquinal e que se repete sem parar em nossa mente. Que vazio! que buraco em nosso interior! Um hábito, uma afeição de 25 anos, uma mulher que conhecia nossa vida, abria nossas cartas em nossa ausência, a quem contávamos nossos casos. Quando pequeno, eu havia brincado com ela de arco e gancheta<sup>7</sup>, e, durante os passeios, ela me comprava folhados de maçã<sup>8</sup> com o próprio dinheiro. Ela esperava Edmond até de manhã cedo para lhe abrir a porta do apartamento, quando ele ia, escondido de minha mãe, ao baile da Ópera... Ela era a mulher, a cuidadora admirável, de quem minha mãe agonizante havia posto as mãos nas nossas... Ela possuía a chave de tudo, mandava, cuidava de tudo em nosso entorno. Por 25 anos, todas as noites, ela nos cobria à cama, e todas as noites eram as mesmas brincadeiras sobre sua feiura e o infortúnio de seu físico... Tristezas,

<sup>7</sup> No original *cerceau*: bricadeira com um arco em forma de aro, normalmente feito de madeira ou metal, empurrado e amparado por uma gancheta ou um pequeno bastão para que não tombe.

<sup>8</sup> No original *chausson aux pommes*: Massa folhada dobrada de modo a formar um semicírculo, lembrando um sapatinho de bebê, recheada de compota de maçã.

alegrias, tudo ela compartilhava conosco. Ela tinha um desses devotamentos de que se espera a solicitude de lhe fechar os olhos. Nossos corpos, em nossas doenças, em nossas indisposições, estavam acostumados com seus cuidados. Ela conhecia todas as nossas manias. Tinha conhecido todas as nossas amantes. Era um pedaço de nossa vida, um móvel de nosso apartamento, um resto de nossa juventude, algo de terno e rabugento, *de sentinela* como um cão de guarda que tínhamos o hábito de manter ao nosso lado, em volta de nós, e que parecia que só terminaria conosco. E nunca mais a veremos! O que se move no apartamento não é mais ela; o que nos dirá bom dia ao adentrar nosso quarto não será mais ela! Grande laceração, grande mudança em nossa vida, e que nos parece, não sei por que, uma dessas rupturas solenes da existência, nas quais, como diz Byron, os destinos mudam de cavalos.

Domingo, 17 de agosto – Esta manhã, devemos cumprir todas os tristes procedimentos. É preciso voltar ao hospital, retornar àquela sala de admissão, onde consigo ver o espectro da magra criatura que fiz sentar-se à poltrona encostada ao guichê, não faz nem oito dias. “O senhor deseja reconhecer o corpo?”, lança-me com uma voz dura o rapaz. Penetramos nas entranhas do hospital, até uma grande porta amarelecida acima da qual se lê em letras garrafais pretas: *Anfiteatro*. O rapaz bate. A porta se entreabre após algum tempo, e de lá sai uma cabeça de açougueiro, um cachimbo curto na boca: uma cabeça na qual o domador de feras se funde ao coveiro. Acreditei ter visto o escravo do Circo que recebia os corpos dos gladiadores, – e ele também recebe os mortos deste grande circo: a sociedade. Fizeram-nos esperar por um longo tempo antes de abrirem uma outra porta, e durante esses minutos de espera, toda nossa coragem se foi, como se esvai, gota a gota, o sangue de um ferido que se esforça para permanecer de pé. O desconhecido do que vamos ver, o terror de um espetáculo dilacerando seu coração, a busca de seu corpo em meio a outros corpos, o exame e o reconhecimento desse pobre rosto, provavelmente desfigurado, tudo isso nos tornou covardes como crianças. Estávamos no limite de nossas forças, no limite de nossa vontade, no limite de nossa tensão nervosa, e quando a porta se abriu, dissemos: “Enviaremos alguém”, e fugimos... De lá fomos à prefeitura, em um fiacre que sacudia e balançava nossas cabeças como coisas vazias. E não sei que horror nos veio dessa morte de hospital, que parece não ser nada além do que uma formalidade administrativa. Parece que, nesse falanstério de agonia, tudo é tão bem administrado, arrumado, organizado, que é como se a Morte houvesse aberto um escritório.

Enquanto estávamos registrando o óbito, – quanto papel, meu Deus, rabiscado e rubricado para uma morte de pobre! – da sala do lado pulou um homem, alegre, exultante, para ver no almanaque pregado à parede o nome do santo do dia e dá-lo a seu filho. Ao passar por mim, a aba da casaca do feliz pai roça e varre a folha de papel em que estamos registrando a morte.

De volta a casa, tivemos que verificar seus papéis, mandar recolher seus farrapos, pôr em ordem o amontoado dos objetos, os frascos, a roupa de cama que a

doença produz... enfim, revirar a morte. Foi horrível voltar àquela mansarda onde ainda restavam, no oco da cama desfeita, as migalhas de pão de sua última refeição. Joguei a coberta sobre o travesseiro, como uma mortalha sobre a sombra de um morto.

Segunda-feira, 18 de agosto – ... A capela fica ao lado do anfiteatro. No hospital, Deus e o cadáver são vizinhos. Na missa celebrada para a pobre mulher, ao lado de seu caixão, arrumaram mais outros dois ou três que se beneficiam do ritual religioso. Há uma certa promiscuidade repugnante de salvação nessa associação: é a fossa comum da oração... Atrás de mim, na capela, chora a sobrinha de Rose<sup>9</sup>, a menina que ela manteve um certo tempo em nossa casa, e que agora é uma moça de 19 anos, educada no convento das irmãs de Saint-Laurent: pobre mocinha debilitada, pálida, raquítica, marcada pela miséria, com a cabeça grande demais para o corpo, o tronco curvado deformado, parecendo um Mayeux<sup>10</sup>, triste resto de uma família inteira de típicos esperado pela Morte e desde já por ela tocado, – com em seus olhos meigos uma luz já pálida do além.

Depois, da capela até o fundo do cemitério de Montmartre, alargado como uma necrópole e ocupando um bairro da cidade, uma caminhada a passos lentos e intermináveis na lama... Enfim, as salmodias dos padres, e o ataúde preso por cordas, que os braços dos coveiros fazem descer com esforço, como se desce um barril de vinho em uma cave.

Quarta-feira, 20 de agosto – É preciso voltar mais uma vez ao hospital. Porque entre a visita que fiz a Rose na quinta-feira e sua brusca morte um dia depois, há algo que desconheço e que afasto de meus pensamentos, mas que retorna todos os dias: o desconhecido dessa agonia da qual nada sei, desse fim tão repentino. Quero saber e temo descobrir. Não me parece que ela esteja morta; a impressão que tenho é a de uma pessoa que simplesmente desapareceu. Minha imaginação chega até suas últimas horas, busca-as tateando, as reconstrói à noite, e essas horas me atormentam com seu terror velado!... preciso ter certeza. Enfim, esta manhã enche-me de coragem. E revejo o hospital, revejo o porteiro rubicundo, obeso, fedendo a vida como se fede a vinho, e revejo esses corredores em que a luz da manhã incide sobre a palidez das convalescentes sorridentes...

Em um canto recuado, bato a uma porta com cortininhas brancas. Abrem-na e me encontro em um parlatório, em que, entre duas janelas, há uma Virgem posta sobre uma espécie de altar. Nas paredes do cômodo que está exposto ao norte, do

---

<sup>9</sup> Rosalie Domergue, nascida em 1844, é filha de Pierre Domergue e de Anne-Rose Malingre, irmã de Rosalie Malingre. A sobrinha de Rose servirá de inspiração para a criação da personagem Marie Gaucher, do romance *Sœur Philomène* (1861).

<sup>10</sup> Personagem satírico, célebre nos anos de 1830, que incarna traços de vulgaridade e de posição política da burguesia parisiense, representado em diversos âmbitos das Letras e das Artes, como a caricatura, a música, a literatura, o teatro e o jornalismo (MEUNIER, 1915).



cômodo frio e nu, não entendo por que, há duas vistas do Vesúvio emolduradas, infelizes guaches que parecem estar tremendo de frio e desconforto naquele ambiente. Por uma porta aberta atrás de mim, de um pequeno cômodo em que o sol bate com toda força, ouço cacarejos de irmãs e de crianças, jovens alegrias, risadinhas gostosas, todos os tipos de notas e de vocalizações frescas: um barulho de viveiro ensolarado... Irmãs de branco com véu preto passam para lá e para cá; uma delas para diante de minha cadeira. Ela é pequena, malfeita, com um rosto feio e terno, um pobre rosto pela graça de Deus. É a mãe da sala Saint-Joseph. Ela me conta como Rose morreu, não sofrendo mais por assim dizer, encontrando-se melhor, quase bem, repleta de alívio e de esperança. Pela manhã, em sua cama refeita, sem se sentir morrer de modo algum, subitamente ela se foi vomitando sangue, o que durou alguns segundos. Sai de lá mais tranquilo, liberto do horrível pensamento de que ela tivera o antegosto da morte, o terror de vê-la se aproximar.

Quinta-feira, 21 de agosto – ... Em meio ao jantar entristecido pela conversa que vai e retorna à morta, Maria<sup>11</sup>, que veio jantar esta noite, após passar nervosamente duas ou três vezes a ponta dos dedos no emaranhado de seus cabelos loiros, gritou: “Meus amigos, enquanto a pobre mulher esteve viva, guardei o segredo profissional de meu trabalho... Mas agora que ela já foi enterrada, vocês têm que saber a verdade”.

E nós descobrimos, sobre a infeliz, coisas que nos tiram o apetite, deixando na boca o gosto amargo e ácido de um fruto cortado com uma faca de aço. E uma vida inteira, desconhecida, odiosa, repugnante, lamentável, nos é revelada. As promissórias que ela assinou, as dívidas que ela deixou nas lojas de todos os fornecedores trazem a explicação mais imprevista, mais surpreendente, mais incrível. Ela sustentava homens, o filho da dona da leiteria<sup>12</sup>, para quem ela mobiliou um quarto, um outro para quem ela levava nosso vinho, galinhas, mantimentos... Uma vida secreta de orgias noturnas, de noites fora de casa, de furores uterinos de que diziam seus amantes: “Isso ainda vai nos matar, ou morro eu ou morre ela”. Uma paixão, dessas paixões avassaladoras, ao mesmo tempo, da mente, do coração, dos sentidos, na qual se misturavam todas as doenças da miserável solteirona, a tísica que traz furor ao gozo, a histeria, um começo de loucura. Com o filho da dona da leiteria ela teve dois filhos, um deles só viveu por seis meses. Há alguns anos, quando ela nos disse que iria à sua terra natal, era para dar à luz. E ela tinha por esses homens um ardor tão extravagante, tão doentio, tão demente, que ela – outrora a honestidade em pessoa – nos roubava, pegava moedas de vinte francos dos rolos

---

<sup>11</sup> Maria – de sobrenome que permanece desconhecido – foi amante de Edmond e de Jules de Goncourt e parteira, tendo servido de modelo para a criação da personagem da mãe da protagonista do romance *La Fille Élisa* (1877).

<sup>12</sup> Alexandre Colmant, filho da chamada viúva Colmant, dona de leiteria localizada no número 42 da rua Saint-Georges. No romance, Colmant dá origem ao personagem Jupillon, de apelido Bibi.

de cem, para que os amantes que ela pagava não a deixassem. Ora, após essas involuntárias ações desonestas, esses pequenos crimes arrancados de sua correta natureza, ela afundava em tantas recriminações, tantos remorsos, tantas tristezas da alma, que nesse inferno em que ela descia de erro em erro, desesperada e insaciada, ela começara a beber para escapar de si mesma, fugir do presente, afogar-se e afundar durante algumas horas nesses sonos, nesses torpores letárgicos que a deixavam prostrada, o dia todo, atravessada numa cama em que ela afundava ao arrumá-la. Que infeliz! quantas predisposições, motivos e razões ela encontrava em si para se devorar e sangrar por dentro: primeiramente, o recrudescimento por vezes de ideias religiosas com os terrores de um inferno cheio de fogo e de enxofre; depois o ciúme, esse ciúme peculiar que, recaindo sobre tudo e sobre todos, envenenava sua vida; depois, depois... depois o nojo que os homens, após algum tempo, manifestavam brutalmente por sua feiura, e que a empurrava mais e mais para a bebida, que um belo dia provocou um aborto, quando caiu no chão de tão bêbada. Esse terrível rompimento do véu que tínhamos diante dos olhos é como se fosse a autópsia de um abcesso cheio de coisas horrendas de uma morta subitamente aberta... Pelo que nos é dito, de repente percebo tudo o que ela deve ter sofrido nos últimos dez anos: o medo de que recebêssemos uma carta anônima, a denúncia de um fornecedor, a trepidação contínua sobre o dinheiro que lhe era cobrado e que ela não tinha como entregar, a vergonha que sentia a orgulhosa criatura pervertida por este abominável bairro de Saint-Georges após ter frequentado pessoas baixas que ela desprezava, e a percepção dolorosa da senilidade prematura provocada pela bebedeira, e as exigências e as durezas inumanas dos Alphonses<sup>13</sup> da sarjeta, as tentações de suicídio que me fizeram resgatá-la um dia de uma janela, para fora da qual ela estava completamente pendurada... e enfim todas essas lágrimas que nós críamos sem motivo; – isso misturado a uma afeição visceral e muito profunda por nós, a um devotamento, como uma febre, quando um de nós ficava doente. E nesta mulher havia uma energia de caráter, uma força de vontade, uma arte do mistério às quais nada pode ser comparado. Sim, sim, todos esses horríveis segredos trancados, escondidos e nela consolidados, sem que nenhum fosse percebido por nossos olhos, nossos ouvidos, nosso senso de observador, até mesmo em seus ataques de nervos, em que ela só deixava escapar gemidos: um mistério que continuou até sua morte e que ela pensava que seria enterrado com ela. E do que ela morreu? por ter ido, há uns oito meses, no inverno, no meio da chuva, espreitar uma noite inteira, em Montmartre, o filho da dona da leiteria que a havia rechaçado, para saber por qual mulher ela havia sido trocada: uma noite inteira, colada em uma janela de um andar térreo, e da qual ela retornara com as roupas encharcadas até os ossos com uma pleurisia mortal!

---

<sup>13</sup> No século XIX, o nome próprio Alphonse era usado como gíria para se referir ao homem sustentado por sua amante.

Pobre criatura, nós a perdoamos e temos até uma grande comiseração por ela, ao nos darmos conta de tudo o que ela sofreu... Mas, para sempre, ficou a desconfiança de todo o sexo feminino, e da mulher de baixo para cima assim como da mulher de cima a baixo. Fomos tomados pelo terror diante do duplo fundo de sua alma, da faculdade potente, da ciência, do gênio consumado, que todo seu ser vive na mentira...

Extraí essas notas de nosso diário: *Journal des Goncourt (Mémoires de la vie littéraire)*; elas são o embrião documental a partir do qual, dois anos depois, meu irmão e eu escrevíamos *Germinie Lacerteux*, estudada e mostrada por nós, empregada na casa de nossa velha prima, a srta. de C...t<sup>14</sup>, de quem escrevíamos uma biografia verídica à maneira de uma biografia de história moderna.

Auteuil, abril de 1886.  
Edmond de Goncourt.

GAMA, Z. Translation of the forewords of Germinie Lacerteux, by the Goncourt brothers. *Itinerários*, Araraquara, n. 56, p. 229-240, jan./jun. 2023.

■ **ABSTRACT:** *The novel Germinie Lacerteux, written by brothers Edmond (1822-1896) and Jules (1830-1870) de Goncourt, is currently considered by critics as one of the precursors works of naturalism in France and its preface as a manifesto of that movement. At the time of its release, in 1865, the critics' interpretation of the novel's foreword was that this text was a step forward in realism. Years later, in 1886, in a reedition by Germinie Lacerteux, Edmond de Goncourt adds a second preface to the work, in an attempt to endorse the novel's precursor character in naturalist values and themes, such as writing based on the observation of reality and the documentation of facts. The present text proposes the translation of the two prefaces by Germinie Lacerteux, plus comments, explanatory notes, and bibliographical indications.*

■ **KEYWORDS:** *Goncourt brothers. Germinie Lacerteux. Foreword. Translation. Naturalism.*

## REFERÊNCIAS

BAGULEY, David. **Le naturalisme et ses genres**. Paris: Éditions Nathan, 1995.

BECKER, Colette. **Lire le réalisme et le naturalisme**. 2. ed. Paris: Dunod, 1998.

---

<sup>14</sup> Referência à prima Cornélie Le Bas de Courmont (1781-1863), inspiração para a personagem Sempronie de Varendeuil, patroa de Germinie.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

CARVALHO, Marques de. O Pajé. **A República**, Belém, ano 1, n. 113, 18 jan. 1887.

GAMA, Zadig. La réception de *Sœur Philomène* au Brésil. **Cahiers Edmond et Jules de Goncourt**, Paris, n. 26, 2020, p. 201-214. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/cejdg.768>. Acesso em: 12 fev. 2023.

GAMA, Zadig. Vues sur Auteuil et le bois de Boulogne chez les Goncourt, **Cahiers Edmond et Jules de Goncourt**, n. 27, 2022, p. 117-127. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/cejdg.906>. Acesso em: 27 fev. 2023.

GAMA, Zadig. O prefácio antes do romance: *Germinie Lacerteux* no Brasil. **Linguística y Literatura**, Medelín, (no prelo).

GONCOURT, Edmond e Jules de. Deuxième préface. **Germinie Lacerteux**. Paris: A. Quantin, 1886, p. IX-XIX. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k103286n/f8.item>. Acesso em: 9 maio 2023.

GONCOURT, Edmond e Jules de. Préface. **Germinie Lacerteux**. Paris: G. Charpentier, 1865, p. V-VIII. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1040750k/f9.item>. Acesso em: 9 maio 2023.

GUÉRARD, F. **L'Hôpital de Lariboisière**. Paris: G. Steinheil, 1888.

**L'Illustration, journal universel**, Paris, ano 20, vol. 40, n. 1013, 26. jul. 1862.

MAGALHÃES, Valentim. **Flor de sangue**. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1897.

MEUNIÉ, F. **Les Mayeux (1830-1850)**. Paris: Henri Leclerc, 1915.

**Pacotilha**, São Luís, ano 6, n. 225, 18 set. 1886, p. 2. [http://memoria.bn.br/DocReader/168319\\_01/5664](http://memoria.bn.br/DocReader/168319_01/5664).

REVERZY, Éléonore. Les Germinie Lacerteux: La réception du roman des Goncourt (1865-1886). In: Chamarrat, Gabrielle; Dufief, Pierre-Jean (orgs.). **Le Réalisme et ses paradoxes (1850-1900)**. Paris: Classiques Garnier, 2014.

